

OS CORPOS E OS CÁRCERES. Fábio Henrique Bartolomeu Angelo, Romualdo Dias. – Educação – Educação Física – Departamento de Educação – Instituto de Biociências – Campus de Rio Claro.

Neste texto apresentamos os resultados de nossa pesquisa onde estudamos o modo como se constituem cárceres, visíveis e invisíveis, como uma forma de invólucros sobre os nossos corpos, e identificamos os desdobramentos deste fenômeno sobre os processos de subjetivação no meio urbano, na sociedade contemporânea. Assumimos como ponto de partida a leitura que realizamos de duas obras: 1) “O assassinato de Cristo”, de Wilhelm Reich e 2) “O anticristo”, de Friedrich Nietzsche. Antes destas leituras fomos instigados a pensar sobre as relações entre corpo e cárcere ao assistirmos ao filme de Hector Babenco, “Carandiru”. Ao estabelecermos as relações entre a obra de Nietzsche e a de Reich imaginamos uma espécie de diálogo entre os dois pensadores com o objetivo de demarcar aspectos do poder implicados no encarceramento dos corpos na sociedade moderna. Os estudos de Michel Foucault sobre o funcionamento do poder, sobretudo a partir do estabelecimento das categorias “biopolítica” e “biopoder”, deram a sustentação para os nossos esforços de reflexão.

Em nossas vivências passamos com frequência por instantes onde nossos sentidos são traçados pelos instintos. Neste momento entramos em contato com uma espécie de vontade natural, como se fizéssemos parte da essência da natureza. Pois, podemos compreender a natureza, por algumas de suas manifestações, sendo livre e espontânea. E o homem, ser da natureza, semelhante aos outros seres, experimenta as contradições entre o movimento dos instintos e a regulação das leis que o governam. A partir desta perspectiva, podemos dizer que o homem não vive sua vida, ele sempre foge de suas necessidades, não vive por viver e amar. Há no homem uma diminuta consciência da sua tensa posição na existência. Ele se encontra tão dominado pelas próprias leis, que não enxerga a força das determinações de sua natureza. Tranca-se num egoísmo enfadonho, sustentado por discursos evasivos, que nada auxiliam na construção de seus significados.

Partimos da hipótese de que nossa existência ganha mais sentido quando nos empenhamos na construção do conhecimento do amor pela vida, desprovido dos preconceitos, das barreiras culturais, um amor fundamentado na energia emanada pelo próprio corpo. Tal propósito nos lança em uma temporalidade distinta do ritmo apressado imposto pela organização do mercado em nossa sociedade. A descoberta de si na fronteira tensa entre natureza e cultura implica em maior tempo. A construção de uma atitude amorosa diante da existência também demanda tempo. A percepção do caráter ilusório e precário das organizações sociais se alcança depois de uma vivência articulada com a reflexão. Enfim, nem todos nós temos a mesma disponibilidade para nos expor diante do caos. Em geral, o evitamos e dele nos defendemos.

Há como que uma estrutura de caráter no homem que o controla, bem como as suas ações e atitudes, moldando seus valores e ideais. A dependência do homem de suas próprias referências é tamanha que ele se torna prisioneiro de sua própria mente. É o próprio homem que estabelece esta estrutura e impõe seus limites. Uma das funções da descoberta para a vida é fazer com que o homem rompa com estes limites, descubra todos os valores sem preconceitos. Enquanto houver estrutura de caráter moldado nas múltiplas dependências construídas pelo próprio homem, haverá couraças e barreiras.

Homem nenhum vive livre. A armadura do homem está na rigidez mecânica de seus movimentos, sentimentos e reflexões, acarretando assim o aprisionamento de sua alma. A superestrutura social em que o homem vive está repleta de elementos capazes de camuflar toda a energia vital. Isto nos permite pensar que o homem, ao criar as suas estruturas de poder, estabelece as barreiras que o impede de reconhecer o elemento essencial da vida.

Em Reich encontramos uma consciência aguda sobre a dependência do homem diante das estruturas de poder, sob as suas diversas formas de governo. Sua obra denuncia os mecanismos de controle da nossa vida.

O existir do corpo no mundo, sua representatividade coletiva e individual, seus aspectos simbólicos, sua forma de organização e seus significados, são a expressão de sua linguagem enquanto ser vivo. O homem sempre esteve controlado por algo. O corpo talvez, seja o lugar da expressão mais visível das formas de dominação. No corpo a dominação produz as marcas mais eficazes. O homem não é um corpo, ele é aquilo que o poder determina sobre o seu próprio corpo.

A organização em sociedade adquiriu uma característica que se tornou comum ao longo de sua história: de alguma forma, existiu sempre um poder controlador de tudo. O grau de dominação ao qual chegamos nos dá a impressão de que o ser humano pouco se esforçou para desvencilhar este enigma. Poucos são aqueles que encontraram o caminho desta verdade indicada pela energia vital. Trata-se de uma revolução consciente, se assim posso chamar. Porém, mesmo o homem tomando consciência através do esforço de análise da realidade, há algo em seu corpo que o torna submisso.

Em todos os momentos, há na consciência do homem, valores que o deixam em dívida. O próprio homem, que no dizer na literatura judaica foi criado à semelhança de Deus, acaba se submetendo voluntariamente à hierarquização divina. No entanto, o homem continua correndo atrás de seus deuses. Como se assemelhar à natureza divina, se o homem por sua própria “natureza” o torna inatingível? O homem foge dele, ele o ignora. Não queremos dizer que o homem não adquiriu algum grau de consciência durante sua evolução. Ele foi capaz de se organizar e desenvolver características peculiares para a sobrevivência da espécie. Mas, há algo de sua relação com a natureza que permanece intocado, inacessível, obscuro. Resta ao homem adquirir uma consciência e desvendar o que estamos chamando de o grande enigma do cativeiro da vida.

Durante séculos o homem vem se relacionando com seu próprio corpo de maneira incoerente. A natureza do ser humano há tempos, não se encontra em harmonia com a natureza do mundo. A imagem dualista que o homem formou de si, mesmo no decorrer da história, auxiliou para que cada vez mais, instrumentos e reflexões dicotômicas fossem enraizados na consciência do homem moderno. De um lado encontramos o homem vivendo subsidiado por máquinas, enredado em seu tempo cronológico, mergulhado em análises parciais do todo humano, desgastando-se em planejamentos e relatórios e, do outro lado, observamos o mundo fluindo, no modo como está sendo possível.

A partir de uma visão dualista que o homem formou de si, o existir do corpo no mundo, sua representatividade, seus aspectos simbólicos, sua forma de organização e seus significados são estruturas de linguagem do homem-corpo. O homem adquiriu um formidável controle sob os desejos de seu corpo, através das relações que se estabeleciam com o significado moderno de corpo no mundo. Ter controle sobre os corpos possibilita que outros corpos sejam controlados. O poder organiza suas estruturas para que o homem-corpo, reduzido ao estágio de máquina, se sinta como estando vivo, mesmo preso a alguma forma de enfermidade, mesmo estando preso às suas necessidades.

Os profissionais da saúde, médicos, enfermeiros, dentistas, educadores físicos, fisioterapeutas, etc. desenvolveram meios magníficos para manter a máquina humana viva. Nenhum, ou poucos deles se propuseram a curar o grande mal da vida e esclarecer o verdadeiro significado do que é viver no mundo.

Com este nosso estudo sobre as relações entre práticas corporais e processos de subjetivação na sociedade contemporânea pretendemos colaborar com o debate sobre os mecanismos de controle da vida em nossos corpos. Desfilamos pelas ruas carregando os nossos próprios cárceres em arcaicos rituais e em uma costumeira economia gestual. A nossa pesquisa quer cartografar os sinais da desterritorialização de uma subjetividade exaurida pelo poder e cartografar também os novos territórios em emergência, indicando novos solos para a expansão da vida.

Partimos, porém, de uma descrição dos cárceres em nós. Colocaremos em evidência as marcas identificadas nos processos sociais que são indicadores do funcionamento do cárcere, visível ou invisível. Acompanharemos o percurso estabelecido pela reflexão de diversos intelectuais que se dispuseram a interpretar a sociedade em nosso tempo.

Neste percurso, selecionamos dois textos para serem o suporte de nossas reflexões centrais. Para nós são dois textos extremamente estimuladores, que vêm nos provocando há muito tempo em nossas buscas de outras maneiras de interpretação sobre o nosso modo de viver na sociedade contemporânea. São estes os textos: “O assassinato de Cristo”, de Wilhelm Reich, e “O Anticristo”, de Friedrich Nietzsche. O pensamento destes autores nos instiga em nossas reflexões sobre os cárceres permanentes estabelecidos sobre os nossos corpos.

A intensidade da denúncia do corpo encarcerado sustenta toda a reflexão dos autores escolhidos. A vida vem sendo ameaçada e interdita em sua expansão:

“Uma das características básicas do *assassinato do vivo pelo animal encouraçado* é a de ser camuflado de várias maneiras e sob várias formas. A superestrutura da existência social do homem, tal como o sistema econômico, ações guerreiras, movimentos políticos irracionais e

organizações sociais a serviço da supressão da Vida, abafa a tragédia básica que assedia o animal humano numa torrente do que chamaríamos de racionalizações, de disfarces, e de evasões da questão essencial; além disso, ela pode se referir a uma racionalidade perfeitamente lógica e coerente, que só é válida *dentro* de um sistema que opõe a lei ao crime, o Estado ao povo, a moral ao sexo, a civilização à natureza, a política ao criminoso, e assim por diante, percorrendo todo o rol de misérias humanas”. REICH: 1999:9.

O exercício da incansável reflexão pode cumprir uma função de desvelar os disfarces construídos por nós mesmos para assassinar a vida. Os disfarces ganham a forma da corrupção exercida sobre o próprio corpo e protegida pela fuga para o inacessível campo dos ideais.

“Considero corrupto um animal, uma espécie, um indivíduo, quando perde os seus instintos, quando escolhe e *prefere* o que lhe é prejudicial. Uma história dos “sentimentos sublimes”, dos “ideais da humanidade” – e é possível que eu tenha de a contar – seria quase explicar porque é que o homem está tão corrompido. Mas a própria vida é para mim o instinto de crescimento, de duração, de acumulação das forças, o instituo do *poder*, onde falta a vontade de poder, há degenerescência. A minha afirmação é que esta vontade falta em todos os valores supremos da humanidade que, sob os mais sagrados nomes, dominam os valores da decadência, os valores *niilistas*.” NIETZSCHE, 1997:18-19.

Nossas reflexões se desenvolveram a partir do momento em que decidimos criar imaginariamente um diálogo entre Reich e Nietzsche a respeito dos mecanismos repressores sobre os corpos na sociedade contemporânea. A partir deste diálogo, começamos a observar o nosso tempo e nosso lugar, para identificar possíveis efeitos do poder de regulação sobre as práticas de si. Os cárceres têm força de determinação sobre os processos de subjetivação, sobretudo nos meios urbanos. Tentamos comprovar esta nossa hipótese à medida que fomos estabelecendo o nosso próprio diálogo com estes autores.

No início de nossa pesquisa nós assumimos como objetivo geral o estudo sobre as relações entre práticas corporais e processos de subjetivação na sociedade contemporânea. Este objetivo está diretamente vinculado às nossas inquietações a respeito do que estamos fazendo com os nossos corpos em nosso tempo. Foi por isso que começamos a nos perguntar sobre as diversas formas de “cárceres invisíveis” nos quais estamos presos, e que, pela correria da vida, nem percebemos. Estas preocupações estiveram presentes, durante todo o tempo, em nossas leituras e diálogos com Nietzsche e com Reich.

Nossas inquietações se ampliaram mais ainda a partir da leitura da aula de Foucault, de 17 de março de 1976, onde ele nos apresenta seus estudos sobre o “biopoder” e sobre a “biopolítica”. Em seguida, quando lemos o texto de Deleuze, o “Post-Scriptum sobre as sociedades de controle”, tivemos contato com uma outra leitura deste filósofo da mesma aula de Foucault. O modo como Deleuze nos apresentou a sociedade disciplinar e a sociedade de controle também nos ajudou muito a pensar nos cárceres invisíveis que carregamos sobre o nosso corpo.

Identificamos uma cronologia em nosso percurso reflexivo quando no início fomos intensamente instigados com as imagens do cotidiano de um cárcere ao assistirmos ao filme de Hector Babenco, “Carandiru”, inspirado no livro de Drauzio Varella, o “Estação Carandiru”. As idéias que emergiram à medida em que as imagens nos afetaram, nós apresentamos no primeiro capítulo. No momento seguinte, já instigados pelo filme, nós relemos o livro do Reich, “O assassinato de Cristo”. Depois, a partir de muitas discussões com o orientador, é que pudemos fazer a leitura do texto de Nietzsche, “O Anticristo”. Percebemos muita semelhança entre os dois, sobretudo no que se refere à intensidade com a qual denunciam múltiplas formas de interdição da vida em nossa sociedade. Foi por isso que começamos a imaginar um diálogo entre os dois.

As nossas reflexões sobre os cárceres que carregamos sobre os nossos corpos se constituíram em um trânsito pelas cenas oferecidas no filme de Hector Babenco, nos encontros que nós simulamos com Friedrich Nietzsche, nos encontros com Wilhelm Reich. Este percurso nos permitiu uma melhor elaboração de nossas inquietações e perguntas formulados no início de nossa pesquisa. Enfim, pensamos sobre os efeitos dos cárceres invisíveis sobre o nosso processo de subjetivação na sociedade contemporânea.

Reich inicia o primeiro capítulo do livro “O assassinato de Cristo” assumindo para si uma interrogação formulada por Rousseau, em seu “Contrato Social”. Assim encontramos a pergunta no texto de Rousseau:

“O homem nasce livre, e por toda parte encontra-se a ferros. O que se crê senhor dos demais, não deixa de ser mais escravo do que eles. Como adveio tal mudança? Ignoro-o.” (ROUSSEAU, 1999:53)

Reich toma para si esta pergunta para afirmar a existência do homem acorrentado. Em seguida ele se interroga a respeito da saída desta situação de ser aprisionado.

“Escapar de uma armadilha é possível. Mas, para alguém sair de uma prisão, primeiro precisa reconhecer que está numa prisão. A armadilha é a estrutura emocional do homem, sua estrutura de caráter. Pouco adianta elaborar sistemas de pensamento sobre a natureza da armadilha, quando a única coisa para sair da armadilha é conhecê-la e encontrar a saída”. (REICH, 1999:4)

Foi pensando nestas provocações feitas por Reich, nos desafiando a identificar saídas deste estado de corpos aprisionados, que decidimos atravessar o “espelho mágico de Maurits Cornelis Escher”. Sua obra expressa afetos intensos, possíveis só para quem se permite estar em um forte movimento de criação. Com os seus desenhos, este artista rompe as fronteiras do possível, apresenta para nós mundos impossíveis. Há também em sua obra um modo de se relacionar com o infinito. Este nosso encontro com Escher sustentou nossas reflexões e fez sentido para nós uma vez que associamos os desenhos com o movimento de busca de saídas ou de invenção de mundos impossíveis.

Desse modo podemos voltar às palavras de Reich:

“Mas o essencial ainda é: encontrar a saída da prisão. ONDE ESTÁ A SAÍDA QUE CONDUZ AO INFINITO ESPAÇO ABERTO?” (REICH, 1999:5)